

AO WARLEY, meu irmão.

WALMIR AYALA

PERIPÉCIAS NA LUA

869.2  
A 2734  
lx. 3

PRIMEIRO LUGAR - CONCURSO DE PEÇAS INFANTIS  
P. D. F. - SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DO AUTOR :

Face Dispersa (Ed. Particular — 1955 — poemas.

Este Sorrir, a Morte (Org. Simões Editora — 1957) — poemas.

Sarça Ardente (Ed. Teatro Universitário de Porto Alegre)  
— 1959.

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO GERAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
716	31/10/72

## PERSONAGENS

(Por ordem de entrada em cena)

CLARA — uma menina de 12 anos

JÚLIA — sua boneca

MAE (de Clara)

FADA — depois COMPRADORA DE BONECAS

FINK PUL e KIRO — homenzinhos da lua

SERPENTE DESTERRADA

A princípio é iluminada apenas uma parte do palco, a metade. Nesta metade aparece o quarto de dormir de uma menina de 12 anos de idade. Brinquedos pelo chão. Tudo arrumado com muito bom gosto. Além da cama preparada para dormir, há uma cômoda, algumas cadeiras pequenas, um bonito tapete e um guarda-roupa. Ao lado da cama, sentada no chão, está uma boneca magrela e simpática do tamanho de uma criança, com os olhos muito arregalados, o cabelo embaraçado e duro, ajeitado em duas tranças desalinhas, dos lados da cabeça. Nas pontas das tranças, duas fitas. O vestido é alegre, com mangas fôças e babados. A janela do quarto está aberta e entra por ela a claridade lunar. Clara, a menina, está debruçada à janela, contemplando com olhar comprido e triste a sereníssima lua. Veste um pijama de fundo azul claro estampado com pequeninos ramos de flores coloridas.

MÃE

(Entrando cautelosamente, fala-lhe com ternura)  
Vá dormir minha filha.

CLARA

Só mais um pouquinho, mamãe (*suspira*). Ela hoje está tão linda. Que será que estão fazendo lá a esta hora?

MÃE

(Chegando-se à janela). Realmente, é lua cheia. Mas isto não é coisa para preocupar você. Se lá hou-

ver alguma coisa, há de estar em seu devido lugar. Vamos, para a cama, amanhã é dia de colégio.

CLARA

Eu gostaria tanto de ir à lua, mamãe.

MÃE

(*Disfarçando um riso*) Mas para que? Não se sente feliz aqui conosco?

CLARA

Mas eu queria ver como é lá. Se há gente, deve haver crianças. Queria conhecê-las.

MÃE

Não lhe bastam os seus amiguinhos daqui?

CLARA

Eu já os conheço, nem sinto mais vontade de brincar com eles. Mas a lua... Antes tinha, há dias, a forma de uma fatia de melancia; antes ainda era mais fina, como um barco... Deve ser bom morar num lugar que muda de forma.

MÃE

A lua não muda de forma. Isto é apenas uma questão de iluminação, minha filha. Conforme a posição dela em relação ao sol e à terra, a gente vê apenas uma parte iluminada, nada mais. A lua tem sua forma e não se modifica.

CLARA

Será?

MÃE

Quando você fôr maior aprenderá nos livros. Por enquanto é dormir para crescer.

CLARA

E os livros, foram escritos por crianças?

MÃE

Certamente que não, foram escritos por gente grande.

CLARA

Então não acredito no que eles dizem. Gente grande não sabe ver as coisas. Além disso, sinto que não crescerei... E se eu tiver que crescer e perder esta vontade de conhecer a lua, então prefiro continuar sempre criança.

MÃE

Vamos, vamos, para a cama (*toma-a pelo braço e ela se deixa conduzir, não sem antes lançar um último olhar para a janela. A mãe ergue as cobertas, deita-a. Curva-se e recebe um beijo. Ajeita as cobertas depois se retira lentamente, enquanto Clara cerra os olhos num início de sono. Nem bem a mãe saíra Clara abre os olhos, completamente desperta. Empurra as cobertas, levanta-se e vai até o canto onde esta Júlia, a Boneca*).

CLARA

Júlia, ela pensa que eu acredito no que ela disse. Esta história de luz. Mas então eu não vejo claramente a lua mudar de forma? Qualquer dia será um elefante, um cachorro, um palácio (*suspira*). Mamãe diz isso para que eu não pense mais em conhecer a lua, mas eu sei que algum mistério existe atrás de tudo. Tenho a certeza que lá deve existir crianças, como aqui, e eu gostaria de brincar com elas. Mas tu não me respondes, és uma tonta (*dá uma volta no quarto, aborrecida*). Não quero mais brincar, não quero mais pas-

sear, nem ir à missa. Eu quero é a lua! (*corre à janela*) Aquelas manchas hão de ser lagos, sim, lagos rodeados de flores e grama, onde os bichinhos não tenham medo da gente e venham comer na nossa mão. Eu sinto isto, Júlia (*volta para a boneca*) Aqui, a não ser a cachorriinha Dolly, todos os bichinhos são esquivos. Outro dia vi uma lebre junto ao monte de lenha. Eu não queria fazer-lhe mal, apenas passar a mão em seu pêlo cinza, tão macio. Mas ela não deixou nem que eu chegasse perto. Escapoliu. Tenho a certeza que na lua ninguém foge de ninguém. (*pausa*) Júlia você é uma estúpida, fica aí com cara de boba sem responder a nenhuma de minhas perguntas. (*como quem descobre uma idéia nova*) E se você fôsse uma criança da lua? É bem provável que você esteja aqui por encantamento e por isto eu sinta este desejo de conhecer seu planeta. Mas não, você é uma boneca burra que fica onde a gente põe. Vou mandar a mamãe pôr você no lixo. (*aborrecida*) O melhor mesmo é dormir. (*Volta à janela*) Lá está ela, redondinha. (*Suspira fundo, vai até a cama, senta-se um pouco antes de deitar-se olhando ainda em direção à janela. Puxa as cobertas sobre o corpo, estende-se, fecha os olhos. Nem bem fechara os olhos, o quarto é inundado por intensa luz. Uma música suave e repousante vem de longe, cada vez mais próxima, invade o quarto, e Clara sorri como que imersa em delicioso sonho. A porta abre-se lentamente e surge uma belíssima moça, vestindo um vaporoso traje branco, salpicado de pequeninas pedras brilhantes, como um aljofarado de água... É uma fada, como tôdas as fadas. Traz na mão a varinha mágica e no cabelo um entremeado de pérolas e estrélas. Caminha pelo quarto. Vai à janela aberta, sorri. A música diminui até cessar. A luz do quarto atenua e muda de côr, passando*

*do amarelo ao lilás e dêste ao verde, para retornar depois ao tom azul de antes. A fada pára diante da boneca Júlia*).

FADA

Júlia, vou precisar de você (*bate com a varinha na boneca. Esta arregala os olhos, espreguiça-se, abre a boca diversas vêzes*).

JÚLIA

Dona Fada, obrigada. Que posição mais cansativa.

FADA

Vou precisar muito de você. Mas antes diga, como sabe que eu sou uma Fada?

JÚLIA

(*com um sorriso irônico*) Ora, ora, quem não vê? (*para a platéia*) Vocês duvidam que ela seja uma fada? Heim? Pode haver dúvida? Tá na cara.

FADA

Eu lhe pediria que não repetisse estas expressões de gíria Me parecem grosseiras. Você é tão inteligente, deve conservar uma compostura adequada.

JÚLIA

Desculpe dona Fada, eu não estou acostumada a falar com gente fina. Só por me ter chamado de inteligente, vou procurar ser bem educada.

FADA

Está disposta a me auxiliar num intento?

JÚLIA

Desculpe, mas não posso. Vou me embora agora mesmo desta casa. Minha senhora, a dona Clara, está

incompreensivelmente má. Não me liga a mínima importância e ainda por cima me insulta. A mim, uma nobre senhorita da bonecolândia.

FADA

(*rindo*) Ora, a menina não é tão má. Apenas está nervosa e preocupada.

JÚLIA

Imagine que na semana passada fiquei dois dias nos canteiros do jardim. Ela esqueceu-me lá. E a chuva que apanhei! Nem queira saber. Uma calamidade!

FADA

Coisas de criança.

JÚLIA

(*Empertigada e braba*) Não de uma criança que tem idéias como essa, de ir à lua. O que ela é, é mal educada!

FADA

Pois antes de você ir embora quero que nos acompanhe à lua.

JÚLIA

À lua? Mas a senhora também? Pensei que só ela andasse variando. (*arrependida*) Desculpe.

FADA

Clarinha é uma boa menina, Júlia. Merece que se lhe satisfaça este desejo. Para mim é tão fácil.

JÚLIA

Mas eu não vou. Qualquer dia dêsses me esfacelo por aí. E olhe que o meu pano já está bastante gasto.

FADA

Eu garanto que você não se romperá e ainda por prêmio, quando voltarmos, você ganhará um fôrrô novo.

JÚLIA

(*irônica*) Quando voltarmos! A senhora diz isto porque não sabe como a senhora dona Clara tem desejo de ir à lua. Quando lá chegar nunca mais quererá voltar.

FADA

Quem sabe... quem sabe...

JÚLIA

Atendendo ao seu pedido, e tendo em vista o fôrrô novo que receberei, concordo em ir.

FADA

Ótimo. Você é uma boa boneca e eu sei que gosta de Clarinha. Quem não gostará dela?

JÚLIA

Tem razão... No princípio era tão bom. Ela era carinhosa comigo, fazia-me dormir ao seu lado, levava-me para a mesa nas horas de refeições. Eu me sentia mesmo muito honrada. Era a minha posição. Depois começou o pouco caso. Até aquela temporada exposta à chuva e ao vento. Imagine que um horrendo sapo passava por mim e me mostrava a língua, para mim, uma ilustre descendente de sangue real da bonecolândia. Que humilhação. (*para as meninas que estejam na platéia*) Vocês também são assim com suas bonecas? Pois não sejam...

FADA

Esqueça, Júlia, esqueça. As crianças são assim mesmo. Aposto que Clarinda gosta mais de você do que da lua.

JÚLIA

(*alvorçada*) Será mesmo?

FADA

Você verá... É por isso que vamos levá-la até lá.

JÚLIA

Ah, se fôsse possível voltar ao tempo antigo.

FADA

Deixe-se de dramas e acordêmo-la. (*Bate levemente em Clara*) Clarinha, minha querida, acorde. Clarinha.

CLARA

(*esfrega os olhos*) Que é! Quem é você?

FADA

Uma amiga. Vim buscar você para um passeio. Que tal irmos à lua?

CLARA

A lua? (*salta da cama*). Não é possível.

JÚLIA

Não duvide

CLARA

Você falando? (*espantada*) Mas como? Bonecas não falam!

JÚLIA

(*pernóstica*) Não seja hôba, queria que eu fôsse perder meu tempo em falar com você? Prefiro observar e pensar.

CLARA

Mas pensar como, se você só tem serragem por dentro?

JÚLIA

Não me ofenda, Senhora Clara. Respeite a minha ascendência.

FADA

Não briguem, por favor. Clara, já perdeu a vontade de ir à lua?

CLARA

Ah, não, não... vivo sonhando com isso. Até já perdi o apetite, a vontade de estudar, o gosto pelos brinquedos. (*Vai à janela*) Só gosto de... (*assustada*) como? Ela não está mais lá! Desapareceu! Meu Deus!

FADA

Calma. Já está a caminho para buscar-nos.

CLARA

Ah, que susto... Se não fôsse pela lua eu não queria viver.

JÚLIA

Tanta besteira. Nem parece gente

FADA

Júlia, não resmungue. É muito feio, principalmente tendo em vista a sua linhagem.

JÚLIA

(com espevitamento) Depois que se serviu de chacota de sapo, tudo o mais é permitido.

CLARA

Que vestido ponho?

FADA

Vá assim mesmo. Sua mãe poderia acordar se você fizesse barulho no guarda-roupa, e tudo iria por águas abaixo.

CLARA

Esperei tanto por isso, vou de qualquer jeito. Mas as meninas lá não rirão de mim?

JÚLIA

Rirão, por você ser intrometida em querer ir na terra delas.

FADA

Por favor, Júlia, mais uma inconveniência e serei obrigada a fazê-la emudecer com a minha varinha.

JÚLIA

Muito me admira, dona fada, que a senhora, tão esclarecida como é, se submeta aos caprichos desta menina.

(a Fada faz um gesto como se fôsse bater com a varinha em Júlia).

JÚLIA

Desculpe (a Fada perdoa e sustém o gesto)

CLARA

(para a fada) Se eu lhe disser uma coisa a senhora não zanga comigo?

FADA

Depende. Se fôr sincero e bem intencionado seu pensamento...

CLARA

Acho que é. Sabe? Eu não acreditava realmente em fadas. Pensei que elas não existissem de verdade.

FADA

Quem auxiliaria as crianças a realizar seus sonhos?

CLARA

Ah, é verdade, às vezes tenho sonhos tão bonitos. Mas outras vezes caio num buraco sem fundo. É horrível.

JÚLIA

É só cuidar onde pisa.

FADA

Não... Acontece que nem sempre as fadas estão próximas. Há também os gênios maldosos e incômodos que judiam das pessoas.

JÚLIA

(com ar de importância) Tudo isto é mais do que sabido para mim que vivo calada no meu canto. Que adianta ser gente?

CLARA

Você bem que gostaria de ser.

JÚLIA

Nem por sombra isto me passa pela cabeça. E saiba de uma coisa, logo depois de voltarmos desta viagem à lua, vou-me daqui, definitivamente. Já chega de maus tratos.

CLARA

Eu gosto de você, Júlia, mas não podia pensar noutra coisa. Vivia triste. Você também não entende isto, mas nós as crianças temos muito seguido: vontade de conhecer uma coisa distante, uma coisa difícil. E tudo é difícil de entender neste mundo. Nunca chego à mesma conclusão de mamãe. Quem estará certo? *(para a Fada)* Quem?

FADA

Por enquanto *sonhe!* *(docemente)* Sonhe, Clarinha... Quando crescer entenderá as coisas de outra maneira. Agora a forma certa é esta, o salto no espaço entre a curiosidade e a coisa em si. Você está no espaço, é fácil sonhar... Deixe-se embalar por isso... Sonhe, minha querida.

CLARA

Entendo...

JÚLIA

Agora eu é que não entendi nada.

FADA

Já é tempo de andarmos. Venham. *(toma a menina pela mão, esta por sua vez carrega Júlia de arrasto. Transpõem a porta do quarto. Neste momento apaga a luz do quarto e acende a da outra metade do palco: um jardim com imensas e belas flores, espécies de papoulas de tôdas as côres. Uma imensa e branca lua vai descendo sobre o pátio. Vê-se recortada em sua superfície uma porta irregular).*

CLARA

*(maravilhada)* A lua.

JÚLIA

*(amuada)* A lua...

FADA

Vamos realizar seu desejo, Clara. Espero que fique satisfeita.

CLARA

Não sei como lhe agradecer. Ninguém faria isto por mim...

FADA

*(sorrindo)* Vamos? *(aproxima-se da lua e bate-lhe na porta com a sua varinha mágica. A porta abre lentamente)* Passe você primeiro, Clara. *(Clara salta rapidamente para dentro)* Agora você, Júlia.

JÚLIA

Porque a senhora pede...

FADA

*(paciente e divertida)* Vamos, que a viagem lhes faça bem...

*(Entra. — A porta se fecha lentamente enquanto a lua vai subindo, ao mesmo tempo que o pano cai sobre o primeiro ato).*

## II ATO

*Paisagem lunar, predominantemente branca. Colinas ao longe entremeadas de crateras, uma simples reprodução da noção mais lógica que tivermos de um território desta natureza. Arbustos compactos e mesmo árvores, com uma textura semelhante à da pedra, totalmente diversos da familiar verdura da terra. Júlia, a boneca, acha-se trepada numa árvore e Clara e a Fada pedem-lhe que desça:*

CLARA

Vamos Júlia, não seja tola, desça daí.

JÚLIA

Eu juro que vi uns bichinhos estranhos aí, atrás daquelas moitas (*aponta a moita*). Nos olhavam curiosos.

FADA

Se não nos atacaram é porque não nos pretendem fazer mal. Vamos, desça!

JÚLIA

Quero voltar já para a terra.

CLARA

Ah, isto é que não. Vamos estragar um passeio por sua causa? Saiba, estou gostando muito daqui, não pretendo voltar.

JÚLIA

Quando você ver os tais bichinhos não quererá saber de nada com a lua. Andam feito gente.

CLARA

Bobagem (*vai até a moita*). Aqui não tem nada (*olha atrás*). Oh, (*corre para a fada*) Socorro! Tem mesmo.

FADA

(*Adiantando-se até a moita*) Ora, são habitantes da lua, eu os conheço. Venham, venham... Eles também têm medo de vocês (*aparecem três meninos vestidos com macacões inteiros, que lhes cobrem até a cabeça com um capuz ajustado. O corpo do macacão é branco e as pernas e as mangas são pretas. Na cabeça duas antenas pretas com pequenas bolas de prata na ponta emitindo suave luz. — Há liberdade de concepção de vestiário*).

FADA

(*aponta Clara que lhe está agarrando o vestido*). Esta é Clara, menina da terra. Aquela (*aponta a boneca trepada na árvore*) é Júlia, uma menina também, um pouco medrosa. (*para as duas, apontando os seres lunares*) Estes são Fink, Pul e Kiro, habitantes da lua, funcionários do governo, encarregados da conservação dos parques naturais do satélite. Desça Júlia.

JÚLIA

(*escorregando da árvore*) Já não tenho medo quero ver de perto estes homenzinhos com chifres.

FINK, PUL E KIRO

(*riem*) Hi, Hi, Hi, Hi, Hi...

CLARA

De que estão rindo?

FADA

Não sei.

(*Fink aproxima-se da Fada e lhe fala qualquer coisa ao ouvido*)

FADA

Não quer ofendê-las, mas acha engraçadas suas roupas, sobretudo a côr.

JÚLIA

Se eles conhecessem a cabra Serena, quem ficaria com a cara no chão seriam eles. Têm chifrinhos iguais aos dela.

FADA

Êles não quiseram ofender vocês, mas não conhecem outras côres além do branco e do preto.

FINK

Branco.

PUL

Preto.

KIRO

Outra côr não conhecemos.

JÚLIA

(*esganiçada*) Pois existe. O vermelho, o amarelo, o azul.

CLARA

Deixe-se de bobagens, Júlia. Eles não entenderão.

FINK

Entendemos sim, Júlia é sábia.

JÚLIA

(*Para Clara*) Viu?

CLARA

(*Sentando-se numa pedra branca*) Estou com fome.

PUL

Fome?

(*Fink e Kiro colhem pequenas bolinhas entre as moitas e ao pé das árvores*)

FINK

Aqui está!

KIRO

Coma!

CLARA

Isto?

FADA

São vitaminas. Coma!

CLARA

(*Põe as bolinhas na boca. Mastiga. Faz cara feia*). Não se consegue um bolinho de fubá? Um pudim de leite?

FADA

Elas não conhecem nada disto aqui.

JÚLIA

(*para os lunares*) Querem receitas? Eu dito.

FINK

Ótimo! Ótimo!

KIRO

Venha conosco.

PUL

Ao palácio do rei. As estenógrafas automáticas farão o trabalho num instante.

JÚLIA

(*Altiua*) Se eu soubesse que me tornaria tão importante aqui, teria vindo há mais tempo.

(*sai, acompanhada dos três homenzinhos*)

CLARA

Viu como ela está boba?

FADA

Com a sua mania de falar a tôda a hora, encontrou quem valorizasse suas experiências.

CLARA

Na terra ela não falava. Era enjoada..

FADA

Mas ouvia tudo, e é muito inteligente...

CLARA

E, para quem está cheia cheia de serragem... Não há um jeito de eu falar com ela quando voltarmos à terra?

FADA

Pretende voltar?

CLARA

Não sei... Mas pode ser...

FADA

Se acontecer, eu permitirei que ela fale com você, com uma condição.

CLARA

Qual?

FADA

De você não trair nosso segredo. As fadas só confiam nas crianças sinceras, só para elas aparecem...

CLARA

Prometo o que a senhora quiser.

FADA

Vou acreditar em você. Quando quiser conversar com Júlia, na terra, aperte-lhe no peito levemente, ela responderá às suas perguntas. O dia que alguém surpreender esta conversa, ou você contar, perderá o encantamento e você passará por tola diante de suas amiguinhas... Entendido?

CLARA

Perfeitamente.

FADA

Que está achando do nosso passeio?

CLARA

(*Meio sem graça*) Estou gostando.

FADA

Pela sua maneira de dizer, não parece.

CLARA

Isto de não ter doces como os que mamãe faz, me decepcionou.

FADA

E' uma questão de hábito e de organismo. Eles aqui não sentem falta.

CLARA

E' porque nunca provaram o bolo de chocolate lá de casa.

*(Júlia entra pomposamente, seguida de Kiro, Pul e Fink. Traz ao peito uma imensa medalha de prata)*

CLARA

Já de volta?

JÚLIA

Como esta gente miúda é inteligente. Ligaram umas patas de carangueijo nas minhas orelhas e antes que eu dissesse as receitas, já estavam escritas. Era só pensar.

FADA

E esta medalha?

JÚLIA

Honra ao mérito, por bens prestados à lua. Fiquei de mandar uma cria de cabra serena para eles tirarem o leite e poderem fazer doces. Eles não conhecem leite.

CLARA

Não conhecem leite? Então, nem tijolinhos, nem balas?...

FADA

São coisas da lua, Clara. Com ela sonhavas, não?

CLARA

*(desapontada)* Mas de outra maneira.

JÚLIA

Eu por mim estou contente. Mais uns dias aqui e serei rainha, tenho a certeza.

CLARA

*(cheirando o ar)* Que cheiro é êsse? *(Aproximando-se de Júlia)* E' em você.

JÚLIA

Em mim? A senhora deve estar enganada!

CLARA

*(insiste cheirando perto da boneca)* E' em você mesmo. Reconheço-o: é cheiro de môfo. Você está mofando!

JÚLIA

Que horror! Môfo! *(para Fink, que a esta altura se preocupava em bater com pequenos martelos nos vegetais da clareira)* Senhor Fink, aqui não há remédio para môfo?

FINK

Môfo?

PUL

Que é isto?

JÚLIA

Umhas manchas azuladas ou brancas que a umidade deixa na gente quando se é de pano.

FINK

Nós nunca mofamos.

PUL

*(rindo)* Hi, Hi, hi, a mestra é de pano.

JÚLIA

(chorosa) Que vergonha! Como sou infeliz! Dona fada, salve-me, não quero morrer mofada.

FADA

Mas você está famosa, Júlia. Já tem medalha e é chamada de mestra. Deve morrer contente.

JÚLIA

Não. Prefiro viver lá no chão duro da casa de minha senhora Clara, mas viver. E aguentar mesmo os desaforos do sapo. Salve-me!

FADA

Veremos... Veremos... Por enquanto espere, nada podemos fazer.

CLARA

Não haverá um parque por aqui? Sr. Fink, onde fica a cidade mais próxima?

FINK

Cidade? Estamos nela.

CLARA

Como?

FINK

Debaixo destes tampões (aponta o chão) há subterrâneos onde vivemos, trabalhamos e morremos.

JÚLIA

Aqui se morre também?

PUL

Claro. De que outra maneira substituiríamos as nossas gerações?

CLARA

Pensei que houvessem vantagens. Mas é tudo pior que na terra. De longe a lua é tão bonita.

FADA

Para a gente daqui não há coisa mais bonita. Eles não desejam ir à terra. Alcançaram um grau de conhecimento mais elevado que o nosso.

CLARA

Se eu soubesse disso não teria querido vir também.

JÚLIA

Arrependada, heim?

CLARA

Como não estar! Tudo aqui é tão frio. Tenho sono...

FADA

(para Fink) Senhor Fink, Clara tem sono, que podemos arranjar para ela?

FINK

A máquina, máquina!

CLARA

A máquina?

FINK

Aplica-se-lhe 15 minutos e a senhora se recupera por um mês de sono.

CLARA

Não, isto não! Quero uma cama, colchões macios e travesseiros.

JÚLIA

Vá esperando. Pelo visto esta gente tem corpo de pau.

FADA

Nada se pode fazer, Clara. Ou a máquina, ou você continua com sono.

PUL

(*que se mantivera, juntamente com Kiro, a examinar as árvores, as folhas, os troncos*) Terminamos nossa tarefa. Aqui as árvores estão saudáveis. Voltemos.

CLARA

Nos deixam?

FINK

Se quiserem nos acompanhar...

JÚLIA

Não queremos ir, nem queremos ficar sós.

FADA

Um de vocês poderia ficar conosco.

FINK

Atendendo ao desejo de nossa mestra (*faz uma reverência para Júlia*), fico eu, como cicerone.

PUL E KIRO

Adeus...

JÚLIA-CLARA-FADA

Adeus...

(*Os homenzinhos da lua levantam os tampões e penetram nos subterrâneos*).

CLARA

Esta floresta branca, este frio, este silêncio. (*para Fink*) Senhor Fink, não há nada de novo para nos mostrar?

FINK

Há, o bosque da serpente desterrada.

JÚLIA

Que vem a ser?

FINK

E' quente como um forno a pouca distância.

JÚLIA

Ótimo, poderá secar meu corpo e acabar com o mofó.

FADA

Nem me lembrava disto, além de tudo, com Fink não temos nada a temer.

JÚLIA

(*desconfiada*) Havia algo a temer?

FADA

Sim, a serpente.

JÚLIA

(*decidida*) Fico.

CLARA

Mas a Fada disse que com Fink...

JÚLIA

(*interrompendo*) com Fink ou sem Fink, eu não vou. Prefiro morrer de mofó a servir de quitute de cobra.

FADA

Pois bem, fique. Vamos senhor Fink?

FINK

Em frente.

*(andam os três, Júlia pára, olha para todos os lados num principio de pânico)*

JÚLIA

Esperem! Vou também... Seja o que Deus quiser! *(Sai correndo enquanto se apaga esta parte do palco)*

*(Acende-se a outra parte. Representa uma floresta branca também, mas iluminada por uma luz vermelha, como se por um forte sol. No centro uma frondosa árvore, onde uma serpente se enrosca. Tem a cara de uma velha, enrugada, e come calmamente uma maçã. Júlia, Fink, a Fada e Clara, entram)*

SERPENTE

Quem se aproxima? Quem ousa?

FINK

Visitantes da terra, senhora.

SERPENTE

Não, hoje não! Não quero ver ninguém. Fazem exatamente 10.000 anos que fui expulsa do paraíso terrestre. Dói-me a cabeça. Como sofro.

CLARA

*(espantada, para Júlia)* Céus, Júlia! É aquela serpente da Bíblia. A que tentou a primeira mulher.

JÚLIA

Ah, vai se ver comigo então. Terá que me explicar porque esta implicância logo com a mulher.

SERPENTE

Ouço o que vocês dizem...

JÚLIA

Céus!

SERPENTE

Era apenas uma forma de chegar ao homem.

CLARA

Traíçoeira, ainda por cima.

SERPENTE

*(com interêsse)* Quem são vocês, tão insignificantes e tão ousados?

FADA

São crianças, serpente — crianças da terra. Não sabem o que dizem, nem o que fazem.

SERPENTE

Crianças? *(Fink, que saíra pouco antes, volta trazendo maçãs. Estende-as para a serpente)* Oh, obrigada meu filho... Isto melhora muito. *(voltando-se para Júlia e Clara)* No meu tempo não havia crianças na terra.

FADA

Pois só conhecestes o primeiro casal. Depois tiveram filhos.

SERPENTE

Ah, sim, entendo.

FINK

São sábias, apesar de pequenas. Ensinaram-nos uma nova indústria: a dos doces.

SERPENTE

Doces?

JÚLIA

Se a senhora provasse a torta de maçãs que eu sei fazer.

SERPENTE

Tortas de maçãs? Deve ser bom... Olhe aqui, em troca da torta de maçãs, eu lhe entregarei as fôlhas de parreira que Adão e Eva deixaram no paraíso, por esquecimento. Eu as guardei, levem para êles.

FADA

Adão e Eva não existem mais há milhares de anos... Só a sua família.

SERPENTE

Oh, que pena, eram tão simpáticos! E como vivem seus filhos?

CLARA

São milhões de pessoas e vivem muito bem, obrigada.

JÚLIA

Quem vive mal são as cobras... As que aparecem lá no quintal viram logo troféu de caça.

SERPENTE

O paraíso ainda está fechado?

JÚLIA

Ninguém sabe dêste tal paraíso. Aqui prá nós, não acredito que exista.

SERPENTE

(*furiosa*) Como? A senhora se atreve? Pois se era a minha casa. Ah, a árvore do Bem e do Mal, que maçãs!

CLARA

Que calor!

FINK

Fica assim cada vez mais com o correr do dia.

JÚLIA

Acho bom voltarmos.

FADA

Já cansaram?

CLARA

Acho que sim, dona Fada. Não é possível viver aqui.

FADA

Ótimo, ótimo! Vamos por um bom caminho. O desejo de voltar é o primeiro bom sinal. Estão mesmo resolvidas?

CLARA

Sim.

JÚLIA

Completamente.

SERPENTE

E pena que me abandonem. Raramente tenho com quem conversar.

JÚLIA

Mas isto aqui é muito quente para nós.

SERPENTE

Levam os fôlhas de parreira?

CLARA

Se a senhora insiste.

SERPENTE

Mas quero a torta.

JÚLIA

Mas como faremos para transportá-la para cá?

FINK

Deixem por minha conta. Ponham-na sôbre uma das flôres do jardim, numa destas noites e eu providenciarei o transporte. Temos aqui a máquina que atrai coisas dos outros planetas.

JÚLIA

O senhor não poderia atrair também um sapão que mora neste mesmo jardim? Tenho que vingar-me dêle de qualquer maneira.

FINK

Só podemos usar êstes poderes para boas ações.

JÚLIA

Ah... (à parte) Bobagem, uma vinganzinha de nada.

SERPENTE

(tirando detrás da árvore duas grandes, verdes e lustrosas fôlhas de parreira) Aqui estão, leve-as com minhas recomendações aos filhos daquele simpático casal. Pena que já tenham morrido. De qualquer maneira é herança de vocês.

FADA

Pode esperar a torta, as meninas são de palavra.

JÚLIA

Junto a ela vou mandar a receita, assim a senhora pode continuar mandando fazer aqui. Garanto que gostará.

SERPENTE

Vocês são muito bondosas, voltem outro dia.

CLARA

Desculpe senhora serpente, não pela senhora, mas por outros motivos, não voltaremos mais... Aqui é muito bonito, muito estranho tudo, muito hospitaleiros todos, mas uma coisa é certa: *na nossa terra é muito melhor...*

(Apagam-se as luzes enquanto o pano fecha sôbre o segundo ato).

### III ATO

*Mesmo cenário do primeiro quadro do primeiro ato: o quarto de Clara. É manhã, o sol entra pela janela aos borbotões, Clara dorme ainda.*

MÃE

*(entra com a vassoura na mão, apressada e sorridente)* Acorde, minha filha, acorde. *(Vai à janela)* E' manhã alta.

CLARA

*(ainda de olhos fechados)* Já chegamos?

MÃE

Ora essa, ainda sonhando? *(sacode-a)* Vamos, acorde!

CLARA

*(Abre os olhos)* Mamãe, é você?!

MÃE

E quem haveria de ser? *(em tom de burla)* A lua?

CLARA

A lua... Não me fale nela...

MÃE

Vou preparar o café. Arrume-se logo. O colégio não espera por você *(sai)*

CLARA

*(pulando da cama)* Júlia, será verdade ou sonho? Você não responde, não fala mais... *(desconcertada)* foi sonho. *(pensa)* Júlia, eu quero crer que não foi sonho. Mas, que é isto? *(apanha as folhas de parreira das mãos de Júlia)* Não foi sonho! Ah, lembro-me, para você falar comigo devo tocar no seu peito, assim.

JÚLIA

*(espevitada, logo após o toque)* Claro que não foi sonho. Eu, por mim, estou muito feliz por ter voltado. Veja, o môfo desapareceu.

CLARA

Aquilo não era vida para nós...

JÚLIA

Foi preciso todo aquêlê susto para a senhora compreender isso?

CLARA

Aqui é melhor, Júlia.

JÚLIA

Acha? pois eu, não. Estou cansada desta vida de boneca dos outros.

CLARA

Agora vai ser diferente. Você fala.

JÚLIA

E' verdade...

CLARA

Seremos amigas, bricaremos juntas, e eu te ensinarei muitas coisas.

JÚLIA

Pensando bem, na lua eu tinha futuro.

CLARA

Mas era horrível... Vou me vestir. (*vai para trás de um biombo*)

(*ouve-se a voz da mãe voltando: "O Café!" — a boneca volta à posição primitiva, rapidamente. Tem ainda as folhas de parreira nas mãos*).

MÃE

(*entra com a bandeija de café*) Já está pronta?

CLARA

(*atrás do biombo*) Quase.

MÃE

(*coloca a bandeija sobre a cômoda*) Ande, o café está servido. (*Arruma a cama*)

CLARA

(*sai, já de uniforme*) Pronto. (*começa a tomar o café*)

MÃE

Quero ver as notas dêste mês. Esta obsessão pela lua está prejudicando seus estudos.

CLARA

Já não quero ver a lua, acho que não vale a pena.

MÃE

Uê!

CLARA

Se eu prometer nunca mais pensar na lua, nem ficar olhando horas a fio cada noite, quando ela está

suspensa no céu, nem ficar triste por não alcançá-la, a senhora promete dar-me o que eu pedir?

MÃE

(*espantada*) Desde que não seja algo mais absurdo do que a viagem à lua, eu prometo.

CLARA

E' simples, quero uma torta de maçãs...

MÃE

Tão pouco? Farei amanhã mesmo...

CLARA

Preciso hoje, e quero que seja inteira. E' para presente.

MÃE

Para a professora?

CLARA

Não. E' para uma pobre senhora aprisionada que vai mandar buscar a torta à meia-noite.

MÃE

A meia-noite?!

CLARA

Não pergunte nada, mamãe. Respeite o meu segredo.

MÃE

Bem, se perder a idéia fixa da lua, concordo!

CLARA

(*Beijando a mãe*) A senhora é um amor!

MÃE

(*apanhando a bandeija*) Não se demore... (*Dirige-se para a porta do quarto, quando olha a boneca e repara nas folhas de parreira*). Que é isto?

CLARA

Duas folhas de parreira.

MÃE

Quando eu varrer o quarto, vou pô-las fora.

CLARA

Não, é um presente...

MÃE

Presente?

CLARA

Da senhora aprisionada.

MÃE

Cada vez entendo menos... (*sai*)

CLARA

(*tocando no peito de Júlia*) Como poderemos explicar?

JÚLIA

Não explique nada. Depois desta noite, tudo será como antes.

CLARA

(*aprensiva e triste*) tudo será como antes...

JÚLIA

Se eu lhe pedisse uma coisa, faria?

CLARA

O que é?

JÚLIA

Estou ficando triste. É saudade!

CLARA

Não está contente aqui?

JÚLIA

Quase... Como a senhora na lua.

CLARA

Entendo. Você quer voltar para sua pátria, mas como?

JÚLIA

Entregue-me ao primeiro comprador de bonecas velhas. Geralmente são da policia da bonecolândia, disfarçados, e andam recolhendo as bonecas fugitivas.

CLARA

Vou sentir falta de você, mas seria injusto se não lhe concedesse isto.

JÚLIA

Também eu vou ficar triste, mas não se pode ter tudo.

CLARA

(*tristemente*) É...

A VOZ DA MÃE

(*de dentro*) Está na hora!

CLARA

Adeus Júlia...

JÚLIA

Não esqueça o meu pedido, e da torta de maçãs.

CLARA

Não esquecerei.

*(Sai. Ilumina-se a outra parte do cenário, o jardim. As flores se abrem a pleno sol. A cerca baixa. Clara está saindo de casa com a pasta debaixo do braço)*

UMA VOZ *(canta)*

Compra-se bonecas velhas;  
bonecas velhas, quem tem?

CLARA

*(se detém)* Esta voz!

COMPRADORA

*(aparece do outro lado da cerca, na rua. Tem a mesma cara da Fada)* Menina, tem bonecas velhas para vender?

CLARA

*(para si mesma)* A fada!

COMPRADORA

Que disse?

CLARA

Nada, pensei em voz alta... O que a senhora faz com as bonecas velhas?

COMPRADORA

Renovo-as. As bonecas velhas têm a cara suja, e uma expressão muito triste. Ficam disformes e feias, encorujadas dentro de seu pano manchado. Parecem saudosas de algo que não se sabe. Eu as remooço, remodelo, dou colorido às faces... No fim, elas nova-

mente sorriem e brilham pelos olhinhos de vidro que lhes ponho.

CLARA

Eu tenho uma boneca para a senhora. Pelo que disse é a mais indicada para receber minha Júlia. Faça por ela tudo o que puder. Deixe-a feliz, seja onde fôr.

COMPRADORA

*(sorridente)* Já me disseram, minha filha, que eu estou no mundo para reconduzir as coisas aos seus lugares, e para mostrar a cada um onde mora a felicidade.

CLARA

Eu acredito. Quem me ensinou uma lição assim era igual à senhora. Não quero saber do seu segredo, mas acho que já nos conhecemos... *(entra correndo para a casa)*

COMPRADORA

Que menina estranha... *(para a platéia)* Vocês não me poderiam explicar porque ela disse isso? O que houve aqui, antes de eu chegar? Não estou entendendo. *(haja o que houver em relação à platéia, o intérprete deve manter uma conversa rápida e improvisada, forçando as crianças a contarem o principal da história já passada).*

CLARA

*(de volta, arrastando Júlia por um braço)* Venha não faz mal... venha.

JÚLIA

*(aparecendo na porta, muito assustada)* Mas se alguém ver que falamos eu perco o encantamento e não falaremos mais.

CLARA

Não faz mal, é a última vez... Vou entregá-la à compradora de bonecas.

JÚLIA

(feliz) *A compradora de bonecas! (Deixa-se conduzir até à cêrca)*

CLARA

(Para a compradora) Aqui está, é esta a minha boneca.

JÚLIA

A fada!

COMPRADORA

Que disse?

CLARA

(Dando um puxão em Júlia) Nada, nada, é que conhecemos uma pessoa muito parecida com a senhora...

JÚLIA

Há muito tempo que a senhora compra bonecas velhas?

COMPRADORA

Desde menina... É uma profissão bonita e sou muito feliz.

JÚLIA

Sei que a senhora fará comigo um milagre.

COMPRADORA

Um milagre?

JÚLIA

O que os outros chamam milagre. Para nós será simples. Sei que a senhora é sábia e bondosa como... como uma fada.

COMPRADORA

(ri) Uma fada? Fadas não existem... Vou apenas levar você para a minha oficina. E você será como antes...

JÚLIA

E não é isto um milagre?

COMPRADORA

Vamos, vamos... (para Clara) Você vai por esta rua?

CLARA

Sim, meu colégio fica justamente nesta direção.

COMPRADORA

Então vamos juntas. Eu para a minha oficina, você para o colégio. As horas não param, é preciso continuar a vida. (as duas, Clara e Júlia atravessam o portão e dão as mãos para a Compradora, uma de cada lado. Andam alguns passos).

CLARA

(para, olha séria para a Compradora) Responda-me uma coisa: a senhora acredita que se possa ir à lua?

COMPRADORA

*(com um amplo e iluminado sorriso nos lábios)*  
Isto, minha filha, é problema de um sonho; e quando se fala em sonho, de nada se pode duvidar...

*(As três, sorrindo, de mãos dadas, continuam pela estrada enquanto o pano fecha).*

FIM